

Relação de praças com a apropriação dos espaços e o sentimento de pertencimento

Carla Fernanda Barbosa Teixeira
Universidade Federal de Sergipe – Brasil
cafbt@ufs.br

Josef Ander Lima Meris De Carvalho
Universidade Federal de Sergipe – Brasil
josefmeris@gmail.com

Júlia Katícia Lins Santos de Aragão
Universidade Federal de Sergipe – Brasil
juliakaticia@gmail.com

Isabela Pereira Santos
Universidade Federal de Sergipe – Brasil
isabelap.iedf@gmail.com

ABSTRACT

In general, absence of users' appropriation in urban spaces area associated to aspects of no safety space and no feeling of belonging among others aspects. Places like squares intent supply aspects related to urban afforestation, leisure, mental health, thermal balance of microclimate for examples. However, in the Brazilian urbanization model, squares are planned according to urban values and legislation. In most cases, those places may become no useful and have high cost to maintenance by government. In tropical climate, it is very important having trees and green areas in the urban spaces to encourage their use besides urban furniture and equipment to support it. And the context of soil use around squares may influence in user's appropriation too. In this direction, this study compared 2 areas in the Inácio Barbosa neighborhood in XXX and relate to their squares and uses. It was applied interviews, was observed users' behaviors and was taken photos in the last year. This study is partial results of institutional program of researches scholarship. It presents behavior maps of squares, results of interviews and photos. It concludes that the economic range of residences may interfere with use and feeling of belonging of users in squares. And the success of square may relate to its size, its neighbors, kind of lots and residences in the around.

Keywords: Feeling of Belonging; Squares; Life Quality; Afforestation

1. INTRODUÇÃO

No que diz respeito ao uso do solo, Oliveira (1988) aponta que quanto maior a concentração de polos industriais, comerciais e de serviços em uma área, maior será as transmissões de calor e poluentes, resultando em maiores variações microclimáticas. Já em regiões com presença de parques, praças e reservatórios de água, a temperatura tende a diminuir. Observa-se no contexto do bairro Inácio Barbosa uma mancha predominantemente residencial, com poucas edificações de uso comercial ou misto e áreas verdes isoladas.

Além de ser um fator que interfere intimamente nas variações climáticas, o uso do solo também repercute na ocupação e permanência dos indivíduos nos espaços da cidade. A falta de ocupação e o esvaziamento dos espaços públicos são considerados por grande parcela da população instrumentos que acentuam o sentimento de insegurança. Segundo Saboya (s.d.), Bill Hiller, professor da Universidade de Londres, em seu Laboratório de Sintaxe Espacial, estudou e mapeou fluxos entre segurança, espaço e população. Em seus estudos, ele pôde concluir que cidades compactas e densas são mais seguras que bairros residenciais com baixa densidade. Áreas com pouca presença de

residências e que perdem o fluxo de pessoas em horários específicos devem ser evitadas. Jacobs (1962 apud Saboya, s.d.) também investigou tais questões e discutiu a configuração de cidades multifuncionais, compactas e densas, onde a rua, o bairro e a comunidade são elementos vitais para a cultura urbana. Ela completa que uma rua segura é um lugar onde há delimitação clara entre espaços públicos e privados, com usos mistos, havendo pessoas e movimento constante, bem como pequenas quadras que gerem muitas esquinas e interseções, para que os edifícios “olhem” para a calçada e constantemente haja muitos “olhos” vigiando a dinâmica do bairro.

Nesse contexto, o termo Topofilia, aparece para complementar a discussão com relação à permanência e ocupação nos centros urbanos. O termo, segundo Tuan (2012), vincula-se à afetividade, aos laços estabelecidos com o ambiente considerando a subjetividade humana. O autor demonstra que esses laços emotivos variam de pessoa pra pessoa, tendo como influência sua cultura, gênero, raça e capacidade sensorial. Tais laços atestam o sentimento de pertencimento ao local e compreensão de que o espaço faz parte da sua memória. Quando um indivíduo estabelece algum tipo de vínculo com o ambiente, tal fato favorece o zelo do espaço, com tendência a apropriação do ambiente pelo indivíduo e consequentemente, isso traz vida para o espaço.

Assim, compreende-se que para projetar espaços urbanos públicos, como praças, não se pode basear apenas em índices urbanísticos e legislação, é necessário desenvolver uma investigação em relação ao perfil e preferências dos possíveis usuários, estudar as características urbanas de uso e ocupação do solo, como também, de densidade construtiva. Portanto, justifica-se essa pesquisa pela pertinência do assunto quando observam-se praças com usos e apropriações diferenciadas num mesmo bairro, despertando ou não o sentimento de pertencimento em seus usuários.

O objetivo desse estudo é comparar duas áreas de estudo no bairro Inácio Barbosa, englobando 3 praças, através de mapeamento do comportamento dos usuários, levantamento das características do entorno, levantamento de equipamentos urbanos nas praças.

2. BAIRRO INÁCIO BARBOSA

Localizado ao sul de Aracaju, o bairro é banhado pelo Rio Poxim que o separa do bairro Farolândia ao Sul, e através da ligação da ponte Gilberto Vila Novas conecta-se ao Conjunto Habitacional Augusto Franco. Ao Norte, tem-se a Avenida Tancredo Neves que faz a separação da área com o bairro Jardins. Segundo Santana (2017), o bairro Inácio Barbosa foi construído na década de 70, e é constituído por quatro Conjuntos Habitacionais que proporcionam uma característica residencial com alguns comércios/serviços locais, sendo eles: Inácio Barbosa, Jardim Esperança, Beira Rio e Parque dos Coqueiros. É também um bairro cuja vocação boêmia serve há anos à reunião de jornalistas, poetas, pintores e artistas diversos cantos de Sergipe (BATALHA, 2018). Os três primeiros conjuntos habitacionais foram construídos a partir de 1971 e o último, Parque dos Coqueiros, a partir de 1983.

Sobre a ocupação do bairro, o Conjunto Jardim Esperança foi a primeira iniciativa do Estado para povoar a localidade. Por ser um dos primeiros Conjuntos Habitacionais de desvelamento da cidade de Aracaju, seus moradores eram, na maioria, famílias da classe “C”, que foram realocadas para habitar a região nos primeiros momentos. Fundado em 1 setembro de 1971, o Jardim Esperança foi povoado por famílias que moravam nas antiga ocupações irregulares do Japãozinho (antigo bairro Treze de Julho e atual zona nobre da cidade), da região do Estádio de Futebol do Batistão e do Mercado Central da

capital, que viviam em situações insalubres (SANTANA, 2017). As áreas citadas constituíam regiões alagadiças do Rio Sergipe, como também, córregos da cidade. Os vizinhos mais antigos do Conjunto Jardim Esperança são os moradores do Conjunto Inácio Barbosa que nomeia o bairro. Já o Conjunto Inácio Barbosa recebeu famílias da classe média e da classe média alta. Esses, desde sempre, não enxergavam benefícios na vizinhança com o Conjunto Jardim Esperança, motivo pelo qual, segundo relatos dos próprios moradores, não foi realizada nenhuma ligação direta (vias urbanas) entre os bairros, caracterizando uma estratificação social reforçada pelo traçado urbano. Na realidade, em algumas administrações públicas, os gestores não concebem o planejamento de uma região prevendo atuais e futuras ligações locais (entre os Conjuntos e os bairros) e entre regiões. Por conta disso, a cidade tonra-se uma costura de traçados urbanos diferentes e interrompidos que geram faltas de conectividade urbana e lotes residuais, normalmente esses últimos transformados em praças. E ao observar o traçado do bairro Inácio Barbosa, identificam-se vias interrompidas, rompendo conexões entre os Conjuntos Habitacionais instalados. Assim, várias ruas sem saída foram encontradas no Conjunto Jardim Esperança, desencadeando problemas de fluxos, segregação social e especulação imobiliária, sendo denominado pelos moradores como “muralha de Berlim”. No entanto, hoje o Conjunto Jardim Esperança se desenvolveu, apresentando um espaço intraurbano (caracterizado por comércios locais que suprem as necessidades tanto do Conjunto como também dos vizinhos), enquanto o Conjunto Inácio Barbosa (caracterizado por um aspecto residencial) desenvolveu um comércio que não atende as suas necessidades internas. Dessa forma, a segregação que antes prejudicava o Conjunto Jardim Esperança, hoje, dificulta o acesso do Conjunto Inácio Barbosa aos comércios e serviços locais. Os moradores do mesmo precisam circundar a “muralha” (grupo de ruas sem saídas) para chegar em uma farmácia, açougue, padaria ou igreja, localizadas no Conjunto Jardim Esperança.

As praças do estudo estão localizadas uma no Conjunto Parque dos Coqueiros, a Praça Guadalupe Amado Mendonça, e duas no Conjunto Jardim Esperança, sendo elas a Praça Angela Maria e a Praça do Cuscuz respectivamente (Figura 1). No total, o bairro Inácio Barbosa ainda apresenta mais 3 praças, que não fazem parte desse estudo, a saber: Praça Monieri, Praça Pedro Diniz e Praça Monteiro Lobato.

Figura 1. Constituição do bairro Inácio Barbosa : Conjunto Parque dos Coqueiros, Conjunto Beira Rio, Conjunto Jardim Esperança e Conjunto Inácio Barbosa. Destaque para as 3 praças do estudo indicadas pelos círculos azuis.



Conjunto Parque dos Coqueiros



Conjunto Beira Rio



Conjunto Jardim Esperança

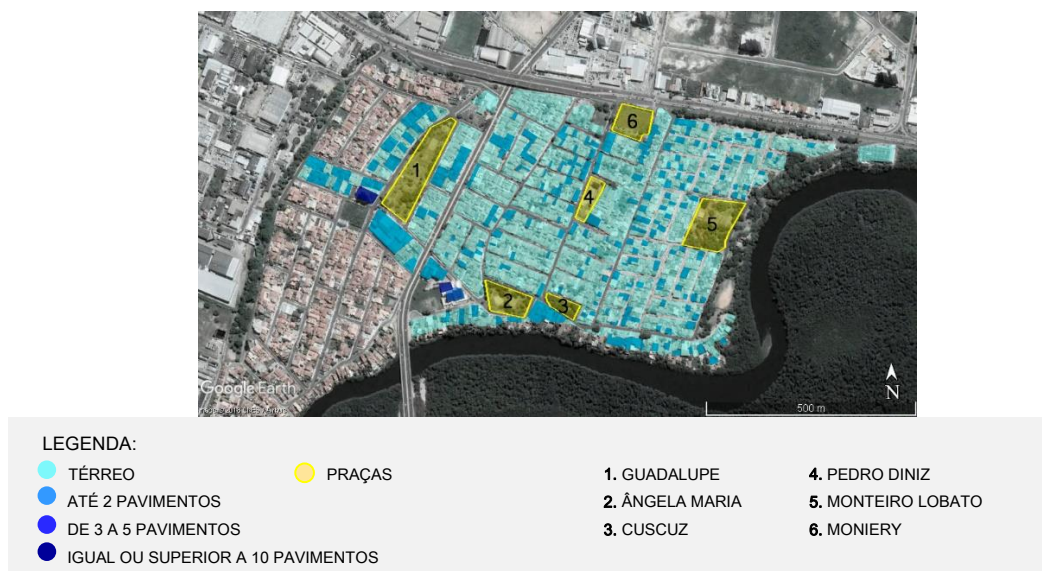


Conjunto Inácio Barbosa

Fonte: Adaptado de GoogleMaps, 2018.

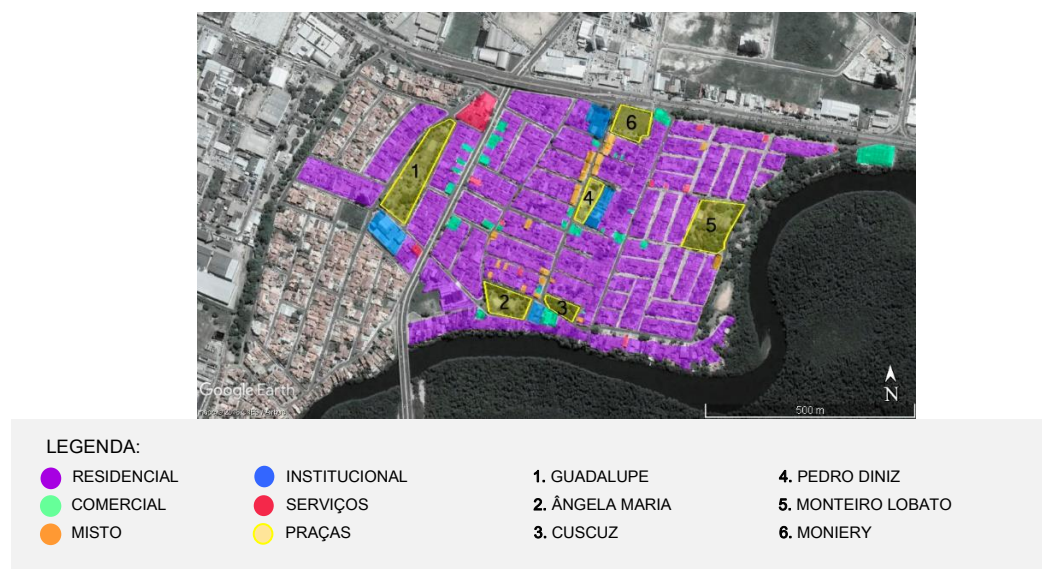
como pequenos mercados, padarias, farmácias, lojas de vestuário, depósito de água e bebidas, escola e igrejas entre outros.

Figura 3. Mapa de Gabaritos do Bairro Inácio Barbosa para diagnóstico da área em estudo.



Fonte: Adaptado do GoogleEarth, 2018.

Figura 4. Mapa de Usos e Ocupação do Bairro Inácio Barbosa para diagnóstico da área em estudo.



Fonte: Adaptado do GoogleEarth, 2018.

Foi observado na Praça Guadalupe Amado Mendonça que seu entorno é constituído de residências de classe média (apresentando mais de automóvel por garagem, cerca elétrica nos limites do terreno e um medidor de água – hidrômetro e um medido de energia elétrica por terreno), abrigando uma família por lote (Figura 5).

Há poucos comércios/serviços na vizinhança imediata da praça como um lava carros, uma administradora de condomínios e uma escola de ensino particular. A praça é bastante extensa, sendo dividida em duas partes por uma via urbana. A vegetação da praça não é escassa, o que pode desencorajar as pessoas a se apropriarem do espaço (sombras escassas e desconforto térmico), possui alguns equipamentos urbanos como duas quadras de areia (sem manutenção alguma), um quiosque desativado, uma capela e alguns bancos (muitos quebrados). Os bancos, apesar de em sua maioria estarem quebrados, os mesmos são em madeira (material isolante térmico), possuem encostos, apoio para braços e os pés podem ficar livres sob o assento, facilitando a ergonomia. Apesar da condição dos bancos, de possuir duas edificações ímã em seu entorno, o colégio de ensino particular e a capela, não são suficientes para promover ocupação e vivência na praça.

Figura 5. Caracterização das fachadas das construções típicas localizadas nos limites da Praça Guadalupe Amado Mendonça e detalhe do medidor de energia único no lote.



Figura 6. Mapa comportamental da Praça Guadalupe Amado Mendonça com trajetos e concentrações de pessoas.



Observam-se concentrações de pessoas na proximidade do colégio com frequência (círculos azuis na Figura 6). A vizinhança imediata utiliza-se do espaço urbano para realizar seu footing matinal ou no fim do dia, bem como, para passear com coelhos. A praça apresenta fluxos transversais, que são

inibidos em parte, pelo traçado orgânico do espaço. Não existem equipamentos para crianças brincarem ou para ginásticas de modo geral.

Foi relatado pelos entrevistados que o nível de insegurança na praça é alto, tanto que os funcionários da vizinhança se agrupam na hora de saída do trabalho para percorrerem seu trajeto até o ponto de ônibus em companhia de colegas. A concentração de jovens ocorre próxima às imediações do colégio e nos horários de entrada e saída dos turnos de ensino. Quase que na totalidade das entrevistas realizadas, os entrevistados declaram não serem natural do estado.

Se na Praça Guadalupe Amado Mendonça, no Conjunto Parque dos Coqueiros, ocorre à falta de identificação dos moradores com a praça, já nas outras duas Praças do estudo, Angela Maria e do Cuscuz, ocorre o contrário. As duas praças apresentam particularidades bem distintas em relação à Praça Guadalupe. Primeiro, em relação aos entrevistados, em sua maioria, declaram serem natural do estado ou da própria capital. Segundo aspecto, as duas praças apresentam áreas construídas bem inferiores que a Praça Guadalupe. Outro aspecto é a diferenciação dessas duas, e já foi comentado na formação do bairro, pela classe social predominante de ocupação. Os lotes residenciais são menores em área, e possuem em sua grande maioria quase que a totalidade do terreno com área edificada. Fato esse que obriga-os para terem algum momento ao contato do ar livre, visitarem as praças. Não obstante, há lotes onde foram observados mais de um hidrômetro instalado e medido de energia elétrica, evidenciando a presença de mais de uma família no lote (Figura 7).

Figura 7. Caracterização das fachadas das construções localizadas nos limites das Praças Angela Maria e do Cuscuz respectivamente, detalhe de vários medidores de energia para o mesmo lote.



A vizinhança imediata é constituída por um mercadinho, um pequeno restaurante, um produtor de azeite e uma igreja evangélica entre a maioria de residências. No entanto, as praças estão localizadas no conjunto que conta com o maior número de infraestrutura de estabelecimentos de comércio e serviços do bairro. As duas praças apresentam vegetação arbórea mais densa que a Praça Guadalupe, porém situação semelhante com relação à falta de equipamentos urbanos foi constatada: poucos bancos e quadra de areia, ausência de equipamentos para crianças brincarem ou adultos realizarem exercícios físicos. Por outro lado, com relação ao uso das praças foram observadas mais pessoas sentadas às mesmas ou passando por elas (Figura 8). Os poucos bancos existentes são em concreto, sem encosto e apoio para os braços, além de não possibilitarem que os pés se estabilizem sob o assento. Os fluxos por essas duas praças são de transeuntes que seguem dos conjuntos vizinhos para o presente.

Figura 8. Mapa comportamental da Praça Angela Maria e Praça do Cuscuz respectivamente com trajetos e concentrações de pessoas.



E exceto a condição térmica propícia nessas praças, os demais aspectos citados acima não contribuiriam para a apropriação do espaço se não fosse a relação de identidade do espaço com os moradores da vizinhança imediata. Observou-se que a população se apropria do espaço e cuida do mesmo: havia um morador que varria a praça pela manhã; outro que construiu bancos, mais um que instalou rádio e rede para estar com sua família e vizinhos; um que se encarregou da poda de árvores num fim de semana; como também, outro que instalou uma piscina desmontável para seus filhos se refrescarem do calor e outro que cultivou horta no espaço da Praça do Cuscuz (Figura 9). Segundo dados das entrevistas, as pessoas costumam ficar na praça socializando até tarde da noite e quando observam pessoas estranhas à vizinhança, logo indagam sobre suas intenções no local. Um dos fatores identificados que podem justificar esse comportamento relaciona-se com os tamanhos dos lotes (menores) e o abrigo de mais de uma construção (família) no mesmo. Isso implica em menor área livre privada no lote e, por conseguinte, o morador necessita do espaço da praça (público) como extensão do espaço da sua casa (privado). Diferentemente do que muitas vezes se observa em espaços públicos nesse sentido de apropriação com viés privado, esses espaços de uso particular em locais públicos não foram delimitados com a intenção de caracterizá-los como “espaços privados”.

Figura 9. Apropriações denotando sentimento de pertencimento nas Praças Angela Maria e do Cuscuz respectivamente: Execução de bancos, suporte para rede, piscina infantil, e cultivo de horta.



5. CONCLUSÃO

Áreas arborizadas urbanas são fundamentais para melhorar o convívio entre as pessoas (socialibilidade), ser uma opção de lazer e higiene mental, melhorar a qualidade ambiental através do balanço térmico das superfícies urbanas, filtragem do ar, redução de poluição e ruídos urbanos, além

de ser atrativo para pequenos animais e pássaros. O que muitos autores têm relatado em suas investigações são que as implantações de áreas urbanas públicas estão ficando cada vez mais escassas na cidade por muitos fatores: seja pelo alto custo de manutenção para o poder público, seja pelo abandono das mesmas, seja pela pressão do mercado imobiliário e valor do metro quadrado. Por conseguinte, nas áreas já consolidadas, surgem os problemas relacionados a falta de segurança, falta de atrativos para a população se apropriar do espaço, falta do sentimento de pertencimento. Esse estudo traz três praças em que a relação com seus moradores imediatos definem as qualidades ambientais desses espaços, inclusive no âmbito do sentimento de segurança.

Ressalta-se ainda que os dados apresentados aqui talvez só sejam válidos para as condições específicas encontradas, no entanto, são apresentados fatores a serem considerados por gestores e urbanistas no momento de planejar futuros bairros. Limitar a implantação de praças pelas determinações dos índices urbanísticos talvez não seja o critério mais eficiente para definir o sucesso de implantação e uso desse equipamento urbano. Segundo esse estudo faz mais sentido relacionar a faixa econômica das famílias, tamanho dos lotes com o dimensionamento das praças e o tipo de equipamentos e mobiliários urbanos instalados. E lembrando que a cidade em questão tem uma área de expansão a ser urbanizada, construída e adensada, espera-se que esse estudo traga luz para o futuro.

REFERÊNCIAS

- ALVES, S. A. **Design para permanência e atratividade em nichos de espaços abertos de convívio: DePAN.** Bauru-SP, 2012. Disponível em: <https://www.faac.unesp.br/Home/PosGraduacao/MestradoeDoutorado/Design/Dissertacoes/silvana-aparecida-alves.pdf>. Acesso: Jun. 2018.
- BLOG BATALHA. **Carnaval de Tradição Inácio Barbosa.** (s.d.). Disponível em: <https://thiaguinhobatalha.com.br/galeria-de-video/carnaval-do-inacio-barbosa/> >. Acesso em: 11 de outubro 2017.
- JACOBS, J. **Morte e vida das grandes cidades.** Coleção a, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2000.
- OLIVEIRA, Paulo Marcos de. **Cidade apropriada ao clima: a forma urbana como instrumento de controle do clima urbano.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura pela Universidade de Brasília, Brasília, 1988.
- PINHEIRO, J. Q.; GÜNTHER, H.; GUZZO, R. S. L. Psicologia ambiental: área emergente ou referencial para um futuro sustentável? Em: GÜNTHER, H.; PINHEIRO, J. Q.; GUZZO, R. S. L. (Org.). **Psicologia Ambiental: entendendo as relações do homem com o seu ambiente.** Campinas, Editora: Alínea, 2004.
- PINHEIRO, J. Q.; & GÜNTHER, H. **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa- ambiente.** São Paulo: Casa do Psicólogo. 2008, p.7-148; 369-396.



Sustentabilidade Urbana

14ª Jornada Urbanere e 2ª Jornada Cires



SABOYA, R. Segurança nas cidades: Jane Jacobs e os olhos da rua. (s.d.). Disponível em: <<http://urbanidades.arq.br/2010/02/seguranca-nas-cidades-jane-jacobs-e-os-olhos-da-rua/>>. Acessado em: mai. 2018.

SANTANA, V. **Documentário Conjunto Jardim Esperança Aracaju-SE.** (s.d.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O1ZKbJoYQt0>>. Acesso em: 11 de outubro de 2017.

TUAN, Y.-F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: DIFEL, 1980.